



O mercado que separa Agricultura Orgânica e Agroecológica

Eduardo João Moro
Instituto Federal Catarinense – didojoa@hotmail.com

Eixo Temático: Educação para a Economia Verde e para o Desenvolvimento Sustentável

Resumo: Nos últimos anos, a demanda pelos chamados alimentos saudáveis tem aumentando no Brasil e o mundo. Diversas pesquisas vêm sendo realizadas e seus resultados amplamente divulgados nos meios de comunicação. Entretanto, esse processo trouxe consigo debates acerca dos termos e técnicas mais indicadas para a produção de “alimentos seguros” no que tange aspectos sociais, ambientais e econômicos. Nesse contexto, estão inseridas a Agroecologia e a Agricultura Orgânica, frequentemente consideradas sinônimas. Diante disso, propôs-se discutir e diferenciar os termos, sobretudo, no que concerne à inserção no mercado e à acessibilidade dos produtos em redes de supermercados e lojas de produtos naturais.

Palavras-chave: agroecologia; agricultura orgânicos; mercado.

The market that separates oranic agriculture and agroecology

Abstract: In recent years, the demand for “healthy foods” is increasing in Brazil and the world. Various studies are being conducted and their results published in the media. However, this process has brought discussions about the terms and techniques most suitable for the production of safe food related social, environmental and economic issues. In this context are Agroecology and Organic Agriculture, often considered synonymous. Therefore, it is proposed to discuss and distinguish between the terms, especially on the insertion of products in supermarkets and health food stores.

Keywords: organic agriculture; agroecology; market.

1 Introdução

As recentes transformações do espaço rural – especialmente na região sul do país – vêm sendo debatidas por diversos autores. Nesse conjunto de trabalhos são abordadas inúmeras temáticas relevantes para a compreensão do espaço rural na sociedade moderna enquanto um local de moradia – onde ocorrem interações sociais complexificadas com o advento das novas tecnologias – e de onde o indivíduo e/ou seus familiares podem (ou não) extrair renda econômica.

Algumas dessas temáticas referem-se: a (I) importância e/ou limitações do que vem sendo denominada “Agricultura Familiar” (como, por exemplo, seu papel na produção de alimentos, matérias-primas, na geração de empregos e na proteção ambiental; sua legitimidade social, política e acadêmica, etc.); (II) ao êxodo rural - que tem levado,



sobretudo, jovens do sexo feminino a migrarem para os centros urbanos em busca de melhores empregos e salários, bem como de outros aspectos considerados vantajosos; (III) a mudanças no padrão sucessório da unidade familiar, tendo em vista que um número crescente de agricultores não possui filhos dispostos a dar continuidade às atividades no estabelecimento rural; (IV) ao fenômeno da “pluriatividade”, quando os membros das famílias de agricultores que habitam no meio rural optam pelo exercício de diferentes atividades não-agrícolas, mantendo moradia no campo; (VI) a degradação ambiental (como, por exemplo, dos recursos hídricos causada pela produção excessiva de dejetos suínos no oeste de Santa Catarina; (VII) a concentração da produção agrícola nas mãos de um pequeno grupo de produtores; dentre outros.

Na busca de superar os desafios enfrentados pela agricultura brasileira, pesquisadores sugerem diferentes estratégias. Parte dos debates centra-se na modernização da agricultura. Enquanto um grupo defende a intensificação na transferência de tecnologias – levando a mecanização e a tecnologia bioquímica para os agricultores, inclusive de pequeno porte –, outro grupo defende a completa eliminação do uso da tecnologia no meio rural, privilegiando métodos “tradicionais” de cultivo. O número de produtores que se aproximam, em maior ou menor grau, dessa segunda “corrente” está crescendo e já ocupa uma área superior a 37 milhões de hectares em todo o mundo (IFOAM, 2011). Contudo, frequentemente esses agricultores são inseridos em grupos homogêneos, o que tem gerado confusões quanto à denominação e às técnicas utilizadas, inclusive por parte de órgãos públicos, em pesquisas acadêmicas e nos meios de comunicação.

Diante disso, no presente artigo pretende-se diferenciar os termos relacionados ao modelo de agricultura chamado “sustentável”, investigando as diferenças entre “Agroecologia” e “Agricultura Orgânica”, sobretudo, no que concerne à inserção no mercado de alimentos.

2 Agroecologia

Segundo Martins (2002, p. 11), o homem tem se colocado como centro do planeta, aquele que tudo sabe e tudo pode, onde a natureza está à sua inteira disposição, tanto para



fornecer o material de que necessita como para receber suas sobras (lixo e resíduos). Para ele, nos últimos 50 anos tem-se observado o equívoco desta concepção, levando a maioria da população mundial a padecer dos impactos negativos nas dimensões sociais, econômicas e ambientais de um crescimento apelidado de “desenvolvimento”.

Entre as décadas de 1950 e 60 ocorreu o que muitos consideram o ápice deste “desenvolvimento”, conhecido como “Revolução Verde”. O período ficou marcado pela intensiva utilização de novas sementes e de um conjunto de práticas e insumos agrícolas visando alcançar altos níveis de produtividade. Para Altieri (2004), de maneira geral, a “Revolução Verde” se deu de forma desigual, privilegiando apenas os maiores e mais ricos agricultores. Além disso, contribuiu na disseminação de problemas ambientais, tais como a erosão do solo, a desertificação, a poluição por agrotóxicos e a perda da biodiversidade.

É em um contexto de reação à adoção da agroquímica e do processo de modernização conservadora da agricultura que surge a Agroecologia (apesar de suas práticas serem tão antigas como as origens da agricultura). Desde os primeiros momentos, as práticas agroecológicas foram ridicularizadas e seus proponentes classificados como retrógrados e defensores românticos de uma volta ao passado. Atualmente, as práticas alternativas possuem ainda um espaço periférico na agricultura mundial, mas já não suscitam em seus opositores o mesmo discurso implacável, sobretudo, devido ao apoio do Conselho Nacional de Pesquisa dos EUA (ASSIS e ROMEIRO, 2002, p. 71).

Pode-se afirmar que a Agroecologia surge como uma proposta de mudança de paradigma, integrando e articulando conhecimentos de diferentes ciências com o saber popular, permitindo a compreensão, a análise e a crítica do atual modelo de desenvolvimento e de agricultura industrial (CAPORAL *et al.*, 2006, p. 05). Em outros termos, o novo paradigma científico proposto procura ser integrador, rompendo com o “isolacionismo” das ciências e das disciplinas geradas pelo paradigma cartesiano (CAPORAL *et al.*, 2006, p. 07). A partir desta estrutura metodológica, a Agroecologia:

Trata-se de uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos, socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ele utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo as dimensões ecológicas, sociais e culturais. (...) O objetivo é



trabalhar com e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das culturas (ALTIERI, 2004, p. 23).

Por fim, uma característica marcante na Agroecológica é o destaque dado ao conhecimento “tradicional” ou “camponês”, representado por experiências acumuladas de agricultores, interagindo com o meio sem acesso a insumos externos, capital ou conhecimento científico (BROKENSCHAW, WARREN e WERNER, 1979 *apud* ALTIERI, 2004, p. 29). Apesar de Altieri (2004) admitir que os agroecossistemas tradicionais variam de acordo com as circunstâncias geográficas e históricas, acredita que características estruturais e funcionais são compartilhadas pelos diferentes sistemas. São elas: (I) o grau de diversidade de plantas, levando à estabilização da produtividade em longo prazo, promovendo a diversidade do regime alimentar e a maximização dos retornos com baixos níveis de tecnologia e recursos limitados; (II) a exploração de uma gama de micro-ambientes com características distintas, tais como solo, água, temperatura, altitude, declividade ou fertilidade; (III) a manutenção de ciclos de materiais e resíduos através de práticas eficientes de reciclagem; (IV) a utilização de interdependências biológicas complexas, resultando em um certo grau de supressão biológica de pragas; (V) a utilização de baixos níveis de insumos tecnológicos, mobilizando recursos locais baseados na energia humana e animal; (VI) a utilização de variedades locais e espécies silvestres de plantas e animais; e (VII) a produção para consumo local.

3 Agricultura Orgânica

É consenso que o conceito de “Agricultura Orgânica” surgiu com Albert Howard. Este pesquisador dirigiu um instituto de pesquisa de plantas na cidade de Indore, na Índia, entre 1925 e 1930, onde realizou inúmeros estudos sobre compostagem e adubação orgânica. Considerado o “pai da agricultura orgânica”, Howard publicou obras relevantes, como *Manufacture of húmus by Indore process* em 1935 e *An agriculture testament* em 1940, onde formulou o conceito de “Agricultura Orgânica”.

Passados quase 70 anos desde que Howard apresentou o conceito ao mundo, este se popularizou e se difundiu em todo planeta. Atualmente são produzidos alimentos orgânicos



em todos continentes e a distribuição se expande e se globaliza a cada ano. Um número crescente de legislações é aprovado nos mais variados países do mundo com intuito de regulamentar a produção e a comercialização de produtos *in natura* e processados de diversas origens. Segundo o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA, 2011), os produtos orgânicos são aqueles cultivados sem o uso de agrotóxicos, adubos químicos e outras substâncias tóxicas e sintéticas. Com isso busca-se evitar a contaminação dos alimentos e do meio ambiente e produzir alimentos mais saudáveis, nutritivos e com mais qualidade de produção. Segundo a mesma fonte, a agricultura orgânica busca criar ecossistemas mais equilibrados, preservar a biodiversidade, os ciclos e as atividades biológicas do solo; não fazendo uso, portanto, de transgênicos, evita assim colocar em risco a diversidade de variedades que existem na natureza. Acrescenta-se ainda que o comércio de produtos orgânicos do Brasil e do mundo depende da relação de confiança entre produtores, consumidores e sistemas de controle de qualidade.

Uma das características fundamentais da produção orgânica é a preocupação com o meio ambiente. Segundo o MAPA (2001), os sistemas orgânicos de produção priorizam o uso responsável dos recursos naturais - contribuindo para o desenvolvimento sustentável - e diversificam e integram a produção de espécies vegetais e animais com o objetivo de criar ecossistemas mais equilibrados. Vale ressaltar que o Brasil conta com uma legislação específica - a lei 10.831, de 23 de dezembro de 2003 - que designa a agricultura orgânica como um sistema:

...em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente (LEI FEDERAL 10.831).

4 O que divide a agricultura orgânica e a agroecologia

Muitas vezes Agricultura Orgânica e Agroecologia são utilizadas como sinônimas em



matérias de revistas, programas de televisão e até mesmo em artigos científicos. Diante disso, propõe-se apresentar alguns aspectos que as diferenciam. Para Assis e Romero (2002, p. 73), a Agroecologia é uma ciência com limites teóricos bem definidos. Como tal, procura inter-relacionar saber de diferentes áreas do conhecimento com o objetivo de propor um encaminhamento que respeite as condicionantes ambientais na agricultura. A Agricultura Orgânica, por sua vez, é uma prática agrícola e um processo social que apresenta alguns vieses expressos em diferentes formas de encaminhamento tecnológico e de inserção no mercado, respeitados os limites teóricos da Agroecologia em maior ou menor grau.

Mas a distinção não se encerra aí. O aspecto que cinde dramaticamente Agroecologia e Agricultura Orgânica é a inserção no mercado. Os defensores da primeira, de maneira geral, veem com *pessimismo* as recentes transformações e a expansão no mercado de alimentos orgânicos, fatos que, segundo eles, separam a ciência agroecológica da prática agrícola orgânica. Por outro lado, outros autores mantêm um posicionamento “*intermediário*”, apontando aspectos tanto negativos quanto positivos acerca das transformações deste mercado.

Para Assis e Romeiro (2002), a Agricultura Orgânica formulada por Albert Howard no início do século XX apresentava pouca diferenciação em relação à Agroecologia. Ao passo que, quando esta se apresenta como uma prática agrícola voltada para o mercado de forma abrangente e rompe com a relação de proximidade existente entre produtor e consumidor, estabelece uma ruptura entre o produto em si e a forma como este é produzido. Este processo gera padrões de procedimentos que substituem a perspectiva de equilíbrio do agroecossistema por outra focada no que é ou não permitido.

Os produtores de alimentos orgânicos inseridos no mercado de alimentos passariam a se preocupar excessivamente com o consumidor, esbarrando, muitas vezes, na “(...) estreiteza dos gostos de consumo que determinam a necessidade de um abastecimento contínuo a e concentração do mercado em alguns produtos” (ASSIS e ROMEIRO, 2002, p. 18). Para os autores, esse cenário favorece produções orgânicas baseadas em tecnologias que necessitam alto aporte de insumos alternativos externos à propriedade, privilegiando fatores econômicos em detrimento de questões agronômicas, ecológicas, sociais.

Altieri (1999, p. 165) também se insere na discussão se aproximando a muitos dos



argumentos apresentados acima. Para ele, a Agricultura Orgânica não representa um retorno a métodos anteriores à Revolução Industrial, pois pode combinar técnicas agrícolas conservacionistas-tradicionais com tecnologias modernas (tais como: equipamentos modernos, sementes certificadas, práticas recomendadas de conservação do solo e água, métodos inovadores de reciclagem de resíduos orgânicos e as últimas inovações relacionadas com a alimentação e criação de gado). Enquanto inicialmente se enfatizava o uso de recursos disponíveis ou próximos da propriedade agrícola – mantendo-se através do uso de rotação de culturas, resíduos culturais e orgânicos, adubação verde e aspectos de controle biológico de pragas, plantas daninhas e doenças – atualmente os produtos passam a ser comercializados internacionalmente como mercadoria (*commodities*), e sua distribuição passa a ser feita pelas mesmas corporações multinacionais que dominam o mercado convencional. Nesses termos, o movimento orgânico – inicialmente formado por pequenos agricultores familiares, atendendo ao mercado local, e “...com uma visão de que a produção agrícola é parte da comunidade estreitamente ligada ao ritmo de transformações da natureza” – vem cedendo espaço para lojas e mercados de produtos naturais ou orgânicos que se tornam redes nacionais e internacionais. Por fim, a crescente demanda de alimentos orgânicos mantém-se confinada aos ricos e, sobretudo, à população do mundo industrializado; enquanto que a produção do terceiro mundo é destinada principalmente à exportação (ALTIERI e NICHOLLS, 2003, p. 142).

Guivant (2010, p. 383), por outro lado, afirma que muitas das críticas realizadas à Agricultura Orgânica são realizadas a partir de uma perspectiva inegavelmente normativa. Para ela, as teorias sociais contemporâneas mostram a importância de entender o significado das ações sociais ao invés de assumir posições dessa natureza. Acrescenta que é necessário entender os dilemas que os produtores rurais familiares enfrentam frente a padrões de consumo alimentar altamente diversificados (incluindo o mercado de orgânicos), e que não é argumento óbvio que o mercado é corruptor de práticas sustentáveis. Para a autora, é necessário repensar a resistência em estudos do papel dos supermercados na comercialização de alimentos orgânicos e a crescente participação destes nos processos de certificação. “Devido ao caráter normativo de tal perspectiva (Agroecologia), entender e analisar objetivamente o papel dos supermercados como agentes centrais na difusão do consumo e da



produção orgânica parece quase uma anátema” (GUIVANT, 2010, p. 386).

5 Considerações Finais

Diante do exposto, torna-se visível que a separação entre Agroecologia e Agricultura Orgânica ocorre quando o debate avança para questões relacionadas à inserção dos produtos no mercado convencional de alimentos. Contudo, acredita-se haver uma posição demasiada “rígida” por parte de alguns autores, tendo em vista que, dada a dimensão e a complexidade da agricultura brasileira, parece clara a possibilidade da convivência mútua entre agroecologistas e agricultores orgânicos. Nesse sentido, é mais relevante manter o debate em torno do uso indiscriminado de agrotóxicos e/ou as indefinições quanto aos alimentos geneticamente modificados, por exemplo, do que embates teóricos entre aqueles que visam promover um modelo de agricultura mais equilibrado social, ambiental e economicamente.

Mais do que isso, deve-se evitar ao máximo considerar agricultores como um grupo homogêneo. Ao mesmo tempo em que parte dos agricultores prefere a produção agroecológica, obtendo insumos na própria propriedade e comercializando os alimentos em pequenas feiras locais em contato direto com seus consumidores, outros podem preferir a produção em escala, adquirindo insumos de outros locais, vendendo seus produtos em redes de supermercados ou mesmo exportando. O foco reside, portanto, em aumentar o número de agricultores que adiram a práticas menos perversas para a sociedade e para o meio ambiente. Desta forma, se defende que os termos sejam utilizados com correção, diferenciando-os quando necessário, mas o debate em si deve ser desviado para outras questões, como, por exemplo, a existência de agricultores fazendo uso indiscriminado de agrotóxicos e consumidores adquirindo-os diariamente em gôndolas de supermercados ou em feiras livres por todo o país.

Referências

ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A. R. **Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências**. Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 6, p. 67-80, 2002.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.



RESPONSABILIDADE E RECIPROCIDADE

Valores Sociais para uma Economia Sustentável

ALTIERI, M. A. & NICHOLS, C. I. **Agroecologia: resgatando a agricultura orgânica a partir de um modelo industrial de produção e distribuição.** Revista Ciência & Ambiente, Santa Maria, 2003

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável.** Disponível em: <http://www.itcp.usp.br/drupal/files/itcp.usp.br/Agroecologia.pdf>. Acesso em setembro de 2011.

GUIVANT, J. S. **Sociologia do meio ambiente rural: hibridismo da sociologia ambiental com a sociologia rural.** In: Carlos B, Martins, Heloísa Helena Teixeira de Souza Martins. (Org.). Horizontes das Ciências Sociais no Brasil. São Paulo: Anpocs/Editora Barcarolla/Discursos Editoriais/ICH, 2010

IFOAM. **The World of Organic Agriculture 2011: Key Results.** Disponível em: <http://www.organic-world.net/yearbook-2011-key-results.html>. Acesso em setembro de 2011.

MARTINS, S. R. Agroecologia: mais do que uma alternativa tecnológica. **II Seminário Estadual de Agroecologia.** Anais. Chapecó, SC, 2002,

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E ABASTECIMENTO. O que é Agricultura Orgânica? Disponível em: <http://www.prefiraorganicos.com.br/agroorganica/oqueeagricultura.aspx>. Acesso em setembro de 2011.